



A nova vida de um lar no Alentejo profundo

Mais de 38% das vítimas mortais da Covid-19 estavam internadas em lares. O que falha lá dentro? A VISÃO entrou num lar no Alentejo e foi ver como se luta para cumprir regras de distanciamento praticamente impossíveis entre os mais velhos, mais surdos e mais carentes. A salvação, sabem eles, é não deixar “o bicho” entrar

 SÍLVIA CANECO  JOSÉ CARLOS CARVALHO



Maria Francisca tem a cara de sorriso de boca aberta. Não sabemos se sempre foi assim, de se rir por tudo e por nada, ou se anda só mais feliz desde que há uns dias teve uma surpresa: os netos que vivem em França vieram vê-la pela primeira vez em muitos meses. Se ela ainda tivesse a lucidez e as palavras que os anos lhe roubaram, poderia ter-lhes contado como era isso de enfrentar duas pandemias numa vida. Haveria de lhes contar como nasceu em plena gripe espanhola, ali numa terra encostada ao Guadiana. Depois de uma longa temporada sem se conseguir expressar, com a fala e a cabeça a falharem-lhe cada vez mais, depois de uma longa quarentena sem visitas ou chamadas, Maria Francisca, 100 anos, conseguiu reconhecer os netos. Nunca se sabe quando os milagres acontecem. “Ela ficou tão emocionada de os ver, tão feliz, que quase chorámos todos”, conta Rita António, que há oito anos é diretora técnica do Centro Social dos Montes Altos, a IPSS do concelho de Mértola que acolhe Maria Francisca e outros 26 utentes. António Sotero, fundador e vice-presidente, põe-se à frente, atira uma piada sobre um “gato marafado” e Maria Francisca, a sorridente, abre a boca, naquele riso de bebé que deixa qualquer um feliz.

Noémia teve uma semana boa, mas hoje é um dia mau. Ao fim de cinco dias de visitas, a sua única e inseparável filha está de partida para Lisboa. Conversam no pátio exterior do lar onde a mãe reside há nove meses, separadas por uma mesa, cada uma no seu banco, numa despedida prolongada. Elas, que sempre foram tão pegadas, agora só podem ter isto: estarem unidas por dois metros de distância, numa luta interior para que as saudades não comprometam a batalha contra o vírus e não lhes escape um passo a mais, uma festa no cabelo ou um abraço involuntário.

Neste último dia de visitas em agosto, a mãe pede-lhe que vá com cuidado, a filha levanta-se, manda-lhe beijinhos com o corpo inteiro e suplica-lhe “Não chore, mãe, senão eu também choro.” E ficam ali de pé, a controlar com os olhos os dois metros não medidos pela fita métrica, de coração embrulhado. Ali de pé a mandarem beijos e abraços uma à outra como num filme mudo, com as lágrimas a tremerem-lhes nas pestanas, e a convencerem-se de que o que têm agora, comparado com os dois meses em que não se puderam ver uma única vez, é afinal tão bom.

A despedida Depois de uma semana na região, Luísa, a filha de D. Noémia (83 anos), tem de voltar a Lisboa. As regras sobre a frequência de visitas tiveram de ser ajustadas à realidade

A MOTARD ALEMÃ

Se diretores e funcionários do lar cumprissem cegamente as regras que estão a ser exigidas para as visitas em tempos de Covid-19, Luísa só poderia ter visto a mãe um dia desta semana, durante 90 minutos. Essas orientações estão expostas num papel, colado na porta de entrada: “Todos têm saudades, mas temos de seguir as recomendações para que o esforço não tenha sido em vão.” Uma hora e meia para uma mãe e uma filha separadas por quilómetros de distância e regras de distanciamento ainda mais violentas do que as que são impostas aos comuns mortais. “Temos a vantagem de ter este espaço no exterior. Os afetos são muito importantes para estas pessoas. Se garantirmos que o distanciamento está a ser cumprido, acabamos por facilitar”, contam Rita e António.

Noémia tem cara de boneca e usa-a assim que lhe perguntam se pode ser fotografada, apoiando a palma da mão debaixo do queixo. Vestiu um vestido às flores e pôs ao pescoço um colar de pérolas. Como agora só está autorizada a sair do lar para consultas, urgências ou exames médicos, as funcionárias arranjam-lhe as sobranceiras, pintam-lhe as unhas, e só ainda não lhe cortaram o cabelo porque ela não deixou. É uma daquelas senhoras bonitas e distintas a quem o tempo foi retirando destreza de movimentos e equilíbrio, mas brindou com plenas faculdades mentais. Tem 83 anos, fará 84 no dia de Natal. “Pois é filha, como vai ser este Natal?” Se for o primeiro que passam separadas, Noémia também já não dramatiza. “A ver se esta coisa me deixa lá chegar. Agora é que a gente se está a dar conta de que isto mata.”

Duas quedas forçaram-na a sair de casa, a casa que sempre foi o centro da sua vida, depois de ter enviuvado há 34 anos. E agora só quer que não a tirem dali: “Se Deus quiser hei de acabar aqui os meus dias. Tenho a comidinha e os medicamentos a tempo e horas. Já não quero estar sozinha outra vez.”

Apesar das limitações, Noémia e Maria Francisca têm a sorte de terem quem as venha ver. Outros até têm agora mais visitas de familiares do que tinham antes do confinamento, como se a pandemia os tivesse aproximado. Mas também há casos em que os familiares já podiam ter vindo e ainda não vieram. Porque estão longe, porque trabalham, porque não



respondem. E há aqueles que nunca têm ninguém.

Ursula, que não gosta que lhe entrem pelo quarto adentro ou que desrespeitem o “Por Favor Não Abrir” que colou na porta do roupeiro, ficou sozinha depois de o marido, há uns anos, ter sido encontrado morto. Já nessa altura não conseguia andar. Os amigos que tem estão fora do País, pelo que nunca recebeu muitas visitas. Mas este ano, devido à pandemia, não veio ninguém. Para esta alemã de 79 anos, que em cima da cama não guarda santas nem retratos de família mas enormes pósteres de motas, e que passa os dias a ler revistas alemãs como a *Motorrad News*, na esperança de que assim o tempo não apague para sempre as memórias de quem era antes da cadeira de rodas na qual se movimenta, nunca fez tanto sentido como agora a rotina que preserva há anos: trocar cartas com os amigos que vivem na Alemanha, França ou Estados Unidos da América. Todos inventam as suas formas de estar perto. “Escrever é mais barrato.

Distanciamento possível

Dos 11 quartos, um está reservado para isolamento. Na sala de estar, o sr. António afaga o gato *Corona*

Todos os meses o lar recebe visitas de três entidades, que certificam que as regras são cumpridas: Segurança Social, ARS e Proteção Civil



Não quererr telemóvel. Querro uma boa vida até ao fim”, divaga a antiga motard, uma misteriosa mulher de quem se sabe tão pouco, num raro momento em que acede a conversar com estranhos.

Dos 27 utentes, Ursula é a mais fora da caixa. Não toma um medicamento, só faz mezinhas com plantas naturais, bebe chás de urtiga e, todos os invernos, encomenda umas garrafas de vodca, cujos bochechos parecem afastá-la de constipações. Ainda não são 16h e já está a preparar o banho de amanhã, como se tivesse pressa. Já escolheu mais um vestido bonito, e até os cremes e os champôs, que ocupam todas as mesas do quarto partilhado. Outra colega, a Maria Luísa, já vai na segunda muda de roupa quando sai do lanche: não há dia em que não desfile com três. Catorze dos 27 utentes sofrem de demência.

Fernanda é conhecida como a mais aperaltada. Tem uns óculos de massa, veste uns vestidos compridos, floridos ou de lantejoulas, e nunca se esquece de pôr o seu creme Nivea e o seu

batom vermelho. “A gente não pode nunca perder o gosto”, diz ela. “Então e o sr. Pilonas, dona Fernanda?” Dizem-lhe que arranjou um pretendente entre os colegas. E ela responde assim, num acesso de humor e atrevimento: “Já está fora de prazo, como os iogurtes.” António Pilonas, o tal pretendente de 85 anos, entrou no lar no último dia útil antes do estado de emergência. Nem se lembra de ter entrado. Não conversava. Quase não andava. Hoje, é ele que ajuda os colegas que não veem. “Já me arranjou quatro namoradas”, diz ao vice-presidente. “Sou só íntimo amigo da Fernanda.” O uso do adjetivo põe toda a gente a rir.

Ao lado de Fernanda, ou melhor, colada a Fernanda, está Helena, a antiga dona da mercearia da Mina de São Domingos que quase todos conheceram. Enrolada no sofá, tão dobrada, com a cabeça deitada no seu ombro. “O que é que vem a ser isto?”, pergunta alto a diretora Rita, quando depara com o cenário. Por mais regras que se tentem impor, não há nada que separe duas amigas siamesas.

As novas rotinas de um lar

“Quando é que isto vai acabar?” Agora, os 33 funcionários do Centro Social dos Montes Altos já não precisam de responder tantas vezes a essa pergunta. Já quase todos perceberam que ninguém sabe. Dizem-lhes “qualquer dia” e inventam mais uma videochamada, para os afastar da tristeza. “Digo-lhes que três tias minhas morreram de gripe espanhola. E que se isso passou, isto também há de passar”, abrevia António, o fundador. Para já, ainda nada é como era. As visitas reabriram a 18 de maio, mas têm de ser controladas. É preciso agendar e só pode vir um visitante de cada vez. Se fossem extremamente zelosos, cada familiar só poderia vir uma vez por semana.

Todos os meses recebem visitas de três entidades, que certificam que estão a ser cumpridas as regras: Segurança Social, Autoridade Regional de Saúde e Proteção Civil. Em maio, foram todos sujeitos a testes de despiste: todos negativos. O centro de convívio, uma das fontes de receita, praticamente deixou de funcionar. O centro de dia está suspenso, as excursões também. E o enorme arraial que faziam em agosto, com bailarico e comida para 150 pessoas, este ano não aconteceu.

À falta disso, são agora os utentes os animadores de serviço, chamados a cantar os seus fados e os seus cantos alentejanos. Afinal, ainda há por ali boas vozes. “Chamava-se Carmencitaaa... Diziam que era a cigana, mais linda da caravanaaa...” Como o caso de Fernanda, que se presta logo a imitar Amália, com o seu vestido de flores e a sua boca pintada com batom encarnado

SURDEZ NÃO CONDIZ COM AFASTAMENTO

A Covid-19 transformou este ano no mais atípico e exigente para quem trabalha no lar. Se sempre lhes pediram muito, agora pedem ainda mais. Que não sejam só cuidadores, mas também vigilantes, uma espécie de polícias das regras. O trabalho mais do que aumentou, mas só conseguiram contratar mais três pessoas, ao abrigo de um programa do IEFP. São 33 funcionários para 27 utentes a tempo inteiro e 31 a quem prestam apoio domiciliário, de segunda a domingo.

De um dia para o outro, tiveram de se adaptar a novas rotinas e a novos hábitos de higiene. Montaram um plano de emergência, com uma ala Covid, uma sala de isolamento para funcionários e um quarto de isolamento para utentes, que instalaram junto à saída de emergência. Criaram dois turnos para as refeições e separaram ainda mais as camas. Por sorte os quartos são grandes, porque António Sotero, o fundador, construiu o lar a pensar que se um dia houvesse um tremor de terra seria preciso um lugar para abrigar as pessoas da aldeia. Quem diria que seria um vírus. E ainda lhes pedem que controlem os contactos físicos entre os internados, e os contactos entre os internados e os seus visitantes. “Temos aqui uma utente que no outro dia teve a visita de uma neta, a Daniela. Quando olhei já estavam agarradas uma à outra de uma maneira... ‘Se me quiser beijar a mim, dona Luísa, já estou como hei de ir, mas a sua neta não!’”, gritou António Sotero, quando o mal já estava feito. “Vamos separá-las à força? São as regras, mas é desumano”, desabafam, com as dúvidas de quem não sabe qual o meio-termo entre o cumprimento das regras da DGS e a chegada ao campo dos insensíveis.

E depois há outros problemas práticos: cuidar implica toque e a maioria dos internados tem problemas de audição. Basta ver isto: “Estás aqui há quanto tempo, Zé?” O Tizé, como é conhecido, não ouve nem à primeira nem à segunda e o vice-presidente não tem outro remédio senão repetir-lhe a pergunta ao ouvido. Ou lhe encostam os lábios à orelha menos surda ou a José não restará mais do que passar os dias apático, sem conseguir comunicar com ninguém. Os amigos do lar são a sua única família. Quando António o foi buscar a uma pequena localidade de Castro Marim, não tinha casa, nem



A instituição tem um plano de emergência, uma ala Covid, uma sala de isolamento para funcionários e dois turnos de refeições

familiares, nem bilhete de identidade.

No Centro Social dos Montes Altos, estamos ainda a mais de 100 quilómetros do lar de Reguengos onde um surto de Covid-19 fez 18 vítimas mortais. Esses números quase incompreensíveis juntam-se a outros: quase metade dos focos de infeção atuais está nos lares portugueses e 628 utentes dessas instituições morreram devido à pandemia. É como se estes espaços se tivessem transformado em verdadeiros ímanes de Covid.

A UTENTE INFETADA

Em Mértola, onde fica a aldeia de Montes Altos, só houve até hoje um caso de coronavírus. Nesta IPSS conhecem-no bem. Emília, único caso diagnosticado, era utente do lar. Em



Quotidiano Aos 100 anos, a D. Maria Francisca ri com as piadas do fundador do lar, António Diogo Sotero. Já quase não fala, mas surpreendeu todos ao reconhecer os netos. Tizé, ao balcão, sofre de surdez. Só ouve se lhe falarem ao ouvido



abril, durante uma ida às Urgências devido a uma queda que lhe fraturou a bacia, descobriram que estava infetada com Covid-19. A notícia soou com o mesmo peso com que os sinos tocam na aldeia. Não se sabia onde e em que momento a mulher de 96 anos se teria infetado. No hospital? Dentro do lar? A dúvida fez com que durante cinco dias ninguém saísse nem entrasse naquele centro social, até que se soubessem os resultados dos testes. “E se fomos nós?”, perguntavam-se os funcionários, que já pareciam ver sintomas da doença em toda a gente. Até que o delegado de saúde ligou: “Estão todos negativos.” Rita não se conteve e agarrou-se a Patrícia, a encarregada de 36 anos: “Agarrei-me a ela, já não queria saber da Covid. Foram uns dias muito

amargos, de uma grande sobrecarga emocional.”

Estas emoções têm sido o maior teste. “É muito mau pensar que podemos trazer o bichinho cá para dentro. A responsabilidade é enorme”, desabafa Patrícia. Sabendo que são os únicos que entram e saem, é como se tivessem sempre um pedregulho suspenso sobre as suas cabeças, capaz de esmagar 27 idosos de uma vez. O que seria da Maria Francisca, da Fernanda, da Noémia, da Ursula e de todos os outros se esse bicho lá entrasse?

Foi por isso que se bateram quando o hospital de Beja quis reencaminhar para lá Emília, num momento em que ainda estava infetada. “Tivemos de batalhar muito e insistir que não tínhamos condições para a receber.”

Numa altura em que ainda nem tinham equipamentos de proteção, alojá-la com o vírus seria como assinar uma sentença de morte. Tinham de zelar pelos que estavam bem.

Emília acabaria por regressar depois de dois testes negativos. Morreu dois meses depois, de outras patologias.

E QUANDO TODOS COMEÇAREM A TOSSIR?

Agora, o medo deles é outro: este mês de agosto, que fez a população da terra quase triplicar. Vieram os portugueses, mas também os espanhóis, atraídos pelo sossego alentejano. E se trouxerem eles o vírus que se tem mantido longe? E, depois, como será o outono, quando começarem todos a tossir e ninguém souber o que têm?

É uma aflição permanente. Não são só os 27 idosos internados que estão em risco, mas os 15 que recebem apoio domiciliário e os 16 que antes frequentavam o centro de dia, das oito da manhã às oito da noite, e que hoje estão praticamente votados à solidão das suas casas. “Durante o confinamento, só podíamos deixar-lhes à porta comida e medicamentos. Mas, nalguns casos, acabámos por ter de entrar e cuidar deles. Alguns não têm ninguém. Sem nós, passariam meses sem tomar banho”, lamenta Rita.

As regras ditam que os centros de dia só podem abrir se o espaço permitir que não se misturem com os utentes do lar, o que não é o caso. “São regras irrealistas, e é uma desumanidade. Temos pessoas que estão sozinhas em casa o dia inteiro. Levamos-lhes os medicamentos, mas nem conseguimos garantir que os tomam ou que os tomam à hora certa.” Rita avisa que se tudo se mantiver assim, estas pessoas são as que vão sofrer mais. Ninguém aguenta viver sozinho muito tempo. A solidão, sabem eles que cuidam, é veneno que vai matando aos poucos. ■■ scaneco@visao.pt